

O ENSINO DE ARTES VISUAIS E ABORDAGENS DE VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NA ESCOLA

Maryele Evelyn Silva Oliveira¹

Rita de Cássia Cabral Rodrigues de França²

Júnia de Barros Braga Vasconcelos³

RESUMO

Este trabalho apresenta desdobramentos da pesquisa vinculada ao projeto *Ensino/aprendizagem em Artes Visuais na Escola de Aplicação: Representações dos/as professores/as sobre o currículo e as relações étnico-raciais*, desenvolvido na Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará, no âmbito do PIBIC Produtor. O objetivo geral foi analisar como o ensino de Artes Visuais pode contribuir para a valorização da identidade negra no contexto escolar, articulando levantamento bibliográfico sobre currículo, relações étnico-raciais e ensino de Artes Visuais à realização de intervenção pedagógica com turmas do 5º ano do Ensino Fundamental I. A regência, composta por nove aulas, abordou a temática da identidade por meio da produção de autorretratos, promovendo discussões acerca de características físicas, ancestralidade e diversidade racial. A pesquisa adotou abordagem qualitativa, fundamentada na observação participante e na análise das produções visuais, conforme propõe Laurence Bardin (2016). Durante o processo, observaram-se tensões na autoimagem e dificuldades na identificação do próprio tom de pele, evidenciando como padrões estéticos socialmente construídos atravessam a percepção das crianças sobre si. A prática culminou na exposição "Expoarte: identidade e expressão", nas dependências da própria escola, que contemplou também produções de turmas do 1º e 4º anos desenvolvidas no mesmo contexto. Conclui-se que o ensino de Artes Visuais pode constituir-se como espaço formativo potente para o enfrentamento de desigualdades simbólicas e para a consolidação de práticas pedagógicas comprometidas com as relações étnico-raciais.

Palavras-chave: Ensino de Artes Visuais; Identidade Negra; Relações Étnico-Raciais; Educação Antirracista; Currículo.

INTRODUÇÃO

A implementação da Lei nº 10.639/2003 representa marco fundamental para a inserção da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no currículo escolar brasileiro. No entanto, a presença formal da legislação não garante, por si só, a transformação efetiva das práticas pedagógicas. No campo das Artes Visuais, persistem desafios relacionados à construção de

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Pará. Bolsista do Projeto de Pesquisa. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5582247713386692>.

² Docente da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará. Doutora pelo Programa de PósGraduação em Artes/PPGARTES/UFGPA. Membro dos grupos de pesquisas Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Professores/as e Relações Étnico-Raciais (GERA) da Universidade Federal do Pará (UFGPA) e Arte, Memória e Acervos na Amazônia. Associada à Federação dos Arte/educadores do Brasil/FAEB. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8175127523532357>.

³ Docente da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará desde 1998. Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2003). Tem experiência no ensino superior, ministrando para os cursos de Artes Visuais e Pedagogia da UFGPA. Atua em projetos de ensino, pesquisa e extensão em Educação Visual, Educação para as relações Étnico-raciais e História da arte afro-indígena. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9140027563287921>.

propostas que incorporem criticamente as relações étnico-raciais, superando abordagens pontuais ou meramente comemorativas.

É nesse contexto que se insere o projeto *Ensino/aprendizagem em Artes Visuais na Escola de Aplicação: Representações dos/as professores/as sobre o currículo e as relações étnico-raciais*, desenvolvido na Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará. A pesquisa busca compreender como o currículo e as práticas docentes dialogam com a educação antirracista, articulando análise teórica e experiências pedagógicas.

O levantamento bibliográfico realizado no âmbito do projeto, indicou que, embora haja produção significativa sobre identidade negra e educação antirracista, ainda são menos frequentes estudos que articulem tais discussões às práticas concretas no ensino de Artes Visuais. Nesse sentido, a reflexão de Barbosa (2014, p. 34) é pertinente, pois consideramos fundamental conhecer os elementos da arte e a história do povo negro, pois: “Sem o conhecimento de arte e história não é possível a consciência de identidade nacional”. Essa constatação motivou o desenvolvimento de uma experiência pedagógica voltada à reflexão sobre identidade e autorrepresentação, apresentada neste trabalho como desdobramento empírico da investigação.

METODOLOGIA

A pesquisa adotou abordagem qualitativa, considerando que o objeto investigado, as percepções das crianças acerca da identidade e da representação de si, envolve dimensões simbólicas e subjetivas que demandam análise interpretativa. A perspectiva qualitativa mostrou-se adequada por possibilitar a compreensão dos significados atribuídos pelos estudantes às experiências vividas no contexto escolar.

A análise dos dados foi fundamentada na análise de conteúdo, conforme propõe Laurence Bardin (2016), que permite identificar recorrências, tensões e significados nas produções e nos registros observados.

A etapa empírica consistiu na realização de regência em três turmas do 5º ano do Ensino Fundamental I da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará, totalizando nove aulas, com início em 12 de dezembro de 2025. A escolha desse segmento considerou o momento formativo dos estudantes, que já apresentam maior capacidade de elaboração simbólica e verbalização de percepções sobre características físicas e pertencimento social.

A observação participante constituiu procedimento metodológico central, uma vez que a pesquisadora atua como docente durante a intervenção. Essa posição possibilitou acompanhar de maneira direta as interações, falas e reações dos estudantes ao longo das atividades. Foram realizados registros escritos das aulas, contemplando situações consideradas significativas, questionamentos recorrentes e comportamentos observados durante o processo de produção artística.

As produções visuais estão em processo de análise segundo a abordagem interpretativa, considerando simultaneamente aspectos formais e simbólicos. A análise atentou para o modo como os estudantes representaram seus traços faciais, para as escolhas cromáticas realizadas na tentativa de aproximar o tom de pele à própria imagem, bem como para possíveis alterações feitas ao longo do processo de elaboração do autorretrato.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E/OU DISCUSSÕES

O ensino de Artes Visuais, conforme argumenta Ana Mae Barbosa (2008), deve articular produção, leitura e contextualização de imagens, promovendo formação crítica. Essa perspectiva implica reconhecer que as imagens presentes na escola produzem sentidos e influenciam a construção de referenciais estéticos. Quando se aborda identidade, especialmente

identidade negra, é necessário considerar que a autoimagem é atravessada por processos históricos e sociais que consolidaram padrões de beleza e representação marcados pela centralidade eurocêntrica. Sendo assim, as escolas ainda são os espaços ideais para socialização e fomento do contexto histórico da história, da cultura e do povo da diáspora africana. Nessa direção, comungamos com Barbosa (2014):

[...] A escola seria a instituição pública que pode tornar o acesso possível para a vasta maioria dos estudantes em nossa nação. [...] Sem conhecimento de arte e história não é possível a consciência de identidade nacional. A escola seria o lugar em que se poderia exercer o princípio democrático de acesso à informação e formação estética de todas as classes sociais, propiciando-se na multiculturalidade brasileira uma aproximação de códigos culturais de diferentes grupos (Barbosa, 2014, p. 34).

O levantamento bibliográfico foi realizado nos anais do Congresso da Federação de Arte/Educadores do Brasil (CONFAEB) e da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP), utilizando os descritores recursos didáticos, currículo e relações étnico-raciais. Foram localizados 16 artigos, dos quais 5 foram selecionados para leitura e análise aprofundada. Esse procedimento fortaleceu o referencial teórico-metodológico da pesquisa e contribuiu para a identificação de lacunas na articulação entre ensino de Artes Visuais e relações étnico-raciais. Gomes (2012) lembra que antigamente se dizia que o racismo era um problema do negro, mas não é. Hoje ela defende que toda a sociedade é responsável, na escola todos os segmentos socioculturais brasileiro podem articular os conhecimentos históricos, culturais, sociais e políticos, para combater no espaço escolar qualquer tipo de discriminação da identidade negra.

Durante a regência, observou-se que, ao refletirem sobre identidade e características físicas, alguns estudantes demonstraram incerteza quanto à definição de seus próprios traços, especialmente no que se refere ao tom de pele. Na etapa de pintura, foram recorrentes as dúvidas relacionadas à escolha cromática, indicando a complexidade envolvida na representação de si. Em determinados momentos, também se perceberam hesitações na representação detalhada do rosto, sugerindo tensões na construção da autoimagem.

Tais manifestações não devem ser compreendidas como episódios isolados, mas como indícios de como referenciais estéticos socialmente difundidos atravessam a percepção das crianças sobre seus corpos. Ao mesmo tempo, a continuidade das atividades possibilitou maior envolvimento com o processo de observação e representação, contribuindo para experiências de reconhecimento e valorização das próprias características.

Conforme aponta Fayga Ostrower (2013), a experiência artística é espaço de construção de sentido. Ao longo das aulas, percebeu-se que o processo de observação atenta do próprio rosto e a busca por aproximação cromática contribuíram para maior reconhecimento das próprias características. O envolvimento dos estudantes intensificou-se na etapa de pintura com giz pastel a óleo, momento em que experimentavam misturas e sobreposições para alcançar tonalidades mais próximas à pele.

A exposição "Expoarte: identidade e expressão nas turmas do 1º, 4º e 5º ano", realizada em 11 de fevereiro de 2026 na Escola de Aplicação da UFPA, ampliou a dimensão simbólica da atividade. Ao verem seus autorretratos expostos no espaço escolar, os estudantes puderam reconhecer-se não apenas como alunos, mas como sujeitos produtores de imagem e significado.

Toda proposta pedagógica que subverta estereótipos ou imagens negativas sobre o povo negro precisa ser valorizada e divulgada. Para França (2024) dentre as conquistas elencadas, a Lei nº 10.639/2003 tem um caráter relevante no campo educacional, para alterar as representações negativas quanto ao grupo negro:

O ensino da História e Cultura afro-brasileira e africana mostra-se como mais uma tentativa de dar a escuta às falas silenciadas, fazer com que os alunos negros se reconheçam no currículo escolar e que os outros alunos ressignifiquem o olhar para o

negro na história da arte brasileira e nas manifestações culturais brasileiras (2024, p. 81).

Dessa forma, surgiu o debate e a necessidade de um currículo com a inserção da história e cultura negra na escola. Isto não é por acaso, mas resultado de resiliência e luta do movimento negro. Assim, corrobora Oliveira (2025) quando defende que a inserção de referências afro brasileiras e africanas nas aulas de Artes Visuais favorecem a autoestima e amplia o repertório cultural das crianças negras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa evidencia a relevância de articular investigação teórica e prática pedagógica no campo das Artes Visuais, especialmente quando orientada pelas relações étnico-raciais. Essa articulação, materializada na integração entre levantamento bibliográfico, análise de produções acadêmicas e experiência docente, fortalece o diálogo entre currículo e educação antirracista no contexto da escola pública.

Entre as contribuições do trabalho, destaca-se a problematização do autorretrato como estratégia pedagógica capaz de tensionar padrões estéticos naturalizados no ambiente escolar. Ao propor que as crianças observem e representem seus próprios traços, a prática evidenciou como a autoimagem é atravessada por referenciais sociais e culturais, revelando tanto inseguranças quanto possibilidades de reconhecimento e valorização identitária. A pesquisa, portanto, contribui para o campo ao demonstrar como a experiência artística pode constituir-se como espaço de análise crítica da representação e de fortalecimento da identidade negra na infância.

Além disso, o estudo amplia as discussões sobre a necessidade de investigações que examinem de forma mais sistemática as práticas e os recursos pedagógicos mobilizados no ensino de Artes Visuais, considerando seus impactos na formação do olhar e na construção de imaginários. Ao evidenciar lacunas no mapeamento bibliográfico, a pesquisa aponta para a urgência de produzir conhecimento que articule teoria, currículo e experiência concreta em sala de aula.

Como desdobramentos futuros, sugere-se aprofundar análises comparativas entre diferentes segmentos escolares, investigar percepções docentes sobre o trabalho com identidade e relações étnico-raciais, bem como examinar de forma mais detalhada os processos de construção da autoimagem ao longo do tempo. Tais caminhos podem contribuir para consolidar o campo das Artes Visuais como espaço estratégico na construção de práticas educativas comprometidas com a equidade racial.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. *A Imagem no Ensino da Arte: anos oitenta e novos tempos*. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BARBOSA, Ana Mae. *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. *Lei nº 10.639*, de 9 de janeiro de 2003. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

FRANÇA, Rita de Cássia Cabral Rodrigues de. *Representações dos/as docentes sobre as práticas educativas: as relações étnico-raciais no contexto do curso de licenciatura em artes visuais da UFPA* / Tese de Doutorado. Cursado no Programa de Pós-Graduação PPGARTES/UFPA — 2024.

GOMES, Nilma Lino. *Educação e relações raciais*: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. Superando o racismo na escola. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005.

GOMES, Nilma Lino. Relações Étnico-Raciais, Educação e Descolonização dos Currículos. *Currículo sem Fronteiras*, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012

OLIVEIRA, Maryele Evelyn Silva; FRANÇA, Rita de Cássia Cabral Rodrigues de; MAGALHÃES, Ana Del Tabor Vasconcelos. Entre pincéis e pele: o ensino de artes visuais na “des”construção da identidade das crianças negras. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE/EDUCAÇÃO DO BRASIL – CONFAEB, 2025. *Anais [...]*, 2025.

OSTROWER, Fayga. *Universos da arte*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.